

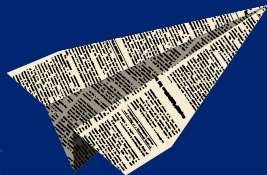
UM ZINE SOBRE  
MODA, MÚSICA E  
POLÍTICA

# EUA VS BRASIL





# ÍNDICE



and refer  
N

er  
al-  
nt,  
r-  
-  
y,  
je  
06,  
14.  
de  
ull  
ess  
NO  
se.  
au-  
in  
out

 Apresentação

 Produção

 Política

 Moda

 Música

 Conclusão

 Fontes

Ao clicar em algum nome você será direcionado para a página correspondente

ENGINEER



# APRESENTAÇÃO

Somos alunos do curso de Ciências Sociais da UFSCar e elaboramos este zine para analisar e divulgar a influência que os Estados Unidos exercem sobre o Brasil, ditando como se vestir, as músicas que escutamos e até mesmo a maneira que devemos fazer política.

Esperamos informar e conscientizar os leitores que estamos sob essa influência cotidianamente não apenas nas áreas apresentadas aqui e que apesar de havermos separado os tópicos para fins ilustrativos, todos estão correlacionados.

Boa Leitura!





# PRODUÇÃO



**Ana Maria**

**EGAL**

*Design, Política*



**Thalita**

**EGAL**

*Moda*



**Letícia**

**EGAL**

*Design, Moda*



**Pedro**

**EGAL**

*Música*



**Barbara**

**EGAL**

*Política*



**Taynah**

**EGAL**

*Conclusão*

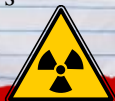




# POLÍTICA



Aqui vamos mostrar como os dois presidentes ajudaram a espalhar não somente o Covid-19, mas, também o vírus das "Fake News"



# As redes sociais e as eleições de Trump e Bolsonaro

Por: Ana Maria Augusti

Sabemos que Bolsonaro e Trump sempre foram muito polêmicos, mas isso não é em vão! Ambos utilizaram dessa vantagem para se estabelecerem como fortes candidatos e depois como presidentes de seus respectivos países. Pensando nisso, as redes sociais foram fundamentais para a conquista deste objetivo a começar pelos Estados Unidos em 2016, onde o empresário passou a investir em peso nas redes sociais como principal meio de sua campanha eleitoral.

Apesar disso, Trump não foi o primeiro a utilizar dessa prática para ganhar as eleições, seu predecessor, Barack Obama também se apropriou dessa ferramenta para garantir seu lugar na lista de presidentes estadunidenses. Logo, a novidade da vez não era o uso das mídias sociais, mas sim a maneira como elas foram utilizadas.

Uma das polêmicas envolvendo a campanha de Donald Trump foi a propagação de Dark Posts — que segundo Ituassú et al. são postagens que não aparecem oficialmente na campanha e que normalmente são utilizadas para propagar notícias caluniosas dos adversários. Além disso, o candidato americano investiu em posts micro direcionados, ou seja, posts que são muito difíceis de encontrar sua origem e que atingem apenas um grupo específico que normalmente vai concordar com o conteúdo publicado gerando maior engajamento.



# DANGER

Já no Brasil, apesar de Jair Bolsonaro não se apropriar da mesma ferramenta de micro direcionamento, utilizou o WhatsApp para enviar mensagens do mesmo escalão e que, segundo o jornal Folha de S. Paulo, foram financiadas ilegalmente por empresários brasileiros que apoiavam o candidato, o que não deixa de ser uma forma de micro direcionar conteúdos já que essas mensagens eram disparadas para grupos muito seletos e que também eram impossíveis de serem detectadas. Além disso, o candidato de extrema-direita se aproximou de Steve Bannon (executivo de mídia e consultor político responsável pela estratégia de dados na campanha de Trump) o que ressalta ainda mais a semelhança entre os dois candidatos.

Por fim, é importante ressaltar que ambos divulgaram inúmeras Fake News em suas redes sociais como forma de engajamento e descobriu-se que era possível fazer dinheiro propagando essas notícias falsas. Ademais, o Facebook foi a rede social mais utilizada pelos dois e que inclusive se envolveu em polêmicas a respeito de divulgação de dados de seus usuários.

Sendo assim, confirmamos a relação entre os presidentes e acrescentamos que essa semelhança se estendeu durante os mandatos. Também vale o questionamento se essas práticas continuarão sendo utilizadas na próxima campanha eleitoral e se é esse tipo de presidente que vamos manter no poder em 2022 que manipula não só as mídias, mas principalmente as informações propagadas por elas.



# FAKE NEWS

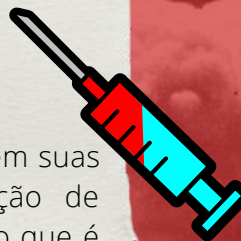




# A pandemia sob a guarda de

## Trump e Bolsonaro

Por: Barbara Sampaio

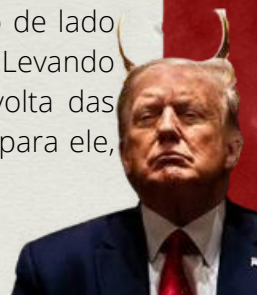
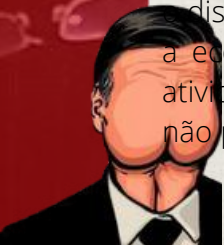


As semelhanças entre Donald Trump e Bolsonaro em suas formas de governar são evidentes, a identificação de Bolsonaro com Trump mais uma vez, deixa claro, do que é formado um governo populista de direita. Os dois governantes desde a época das eleições, indagam divisões internas na sociedade a partir da nutrição de preconceitos como estratégia política, além da grande propaganda dos “valores tradicionais” como base.

Durante a pandemia da Covid- 19, EUA e Brasil tiveram milhões de casos confirmados e milhares de mortes. Nos dois países, o mesmo discurso negacionista.

A resposta de Trump a pandemia se baseou em negação, em prol de uma ameaça a economia que poderia afetar sua popularidade, o presidente menosprezou orientações de especialistas e não viabilizou ações efetivas contra a Covid- 19, como a testagem rápida, e a providência de equipamento para proteção individual, além de fazer propaganda da Hidroxicloroquina mesmo esta não contendo comprovação científica contra o vírus, logo, Donald Trump não reconheceu o uso de máscaras e o distanciamento social como medidas efetivas.

No Brasil, Bolsonaro também negava a seriedade do vírus com discursos desinformativos e irresponsáveis, segundo ele, o vírus se resumia a uma “gripezinha” e que ele mesmo, pelo seu histórico de atleta, não seria fortemente abalado pela doença, discurso esse que além de errôneo, dado o alcance da doença, se provou nas ações do presidente, que por diversas vezes não fez o uso de máscara, além de incitar seus apoiadores a fazerem aglomerações deixando de lado o distanciamento social e as medidas de contenção. Levando a economia como principal setor, defendendo a volta das atividades econômicas e da “vida normal” as quais, para ele, não poderiam ser afetadas pelo vírus.







Assim como Donald Trump, não só menosprezou as orientações de especialistas em saúde pública, como também demitiu em plena pandemia Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich ambos até então nomeados ministros da saúde que apresentaram oposição à posição de Bolsonaro que, assim como Trump, defendeu o uso da hidroxicloroquina sem base científica. Além disso, a falta de insumos, a falta de oxigênio, leitos, e até mesmo o pagamento atrasado de salários dos profissionais da linha de frente assombraram a pandemia no Brasil.

Ademais das obrigações públicas negligenciadas por esses dois líderes, como cortina de fumaça, Trump e Bolsonaro acusaram a China em diversos discursos de serem os responsáveis pela pandemia, desviando a atenção de suas verdadeiras responsabilidades frente à crise, alimentando nos dois países o preconceito contra asiáticos, contando com casos de violência. Segundo o G1, um centro de denúncias contra o "Asian Hate" nos EUA recebeu, desde sua criação em 2020, 3.795 relatos de incidentes de ódio, violência e preconceito, sendo 503 deles só em 2021. No Brasil o filho do Presidente Jair Bolsonaro, deputado Eduardo Bolsonaro, fez em uma de suas redes sociais um comentário alegando que a "ditadura chinesa" era culpada e escondia coisas:

"Quem assistiu Chernobyl vai entender o que ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa. Mas uma ditadura preferiu esconder algo grave a expondo desgaste, mas que salvaria inúmeras vidas. A culpa é da China e liberdade seria a solução"

A embaixada da China no Brasil respondeu a seu comentário, repudiando as palavras do deputado: "As suas palavras são extremamente irresponsáveis e nos soam familiares. Não deixam de ser uma imitação dos seus queridos amigos. Ao voltar de Miami, contraiu, infelizmente, vírus mental, que está infectando a amizade entre nossos povos"

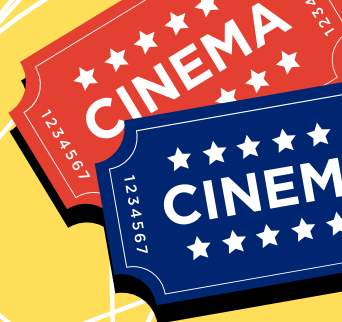
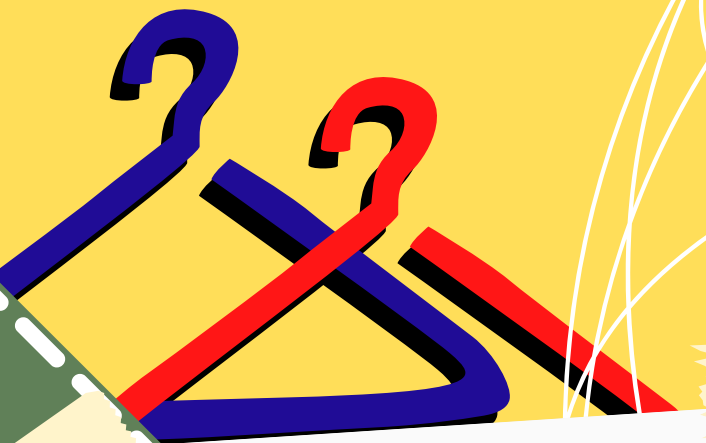
Esses discursos, principalmente vindo de um representante político, alimentam preconceitos e dão argumentos e passes livres para a discriminação de pessoas, mascarando o real problema.

Bolsonaro e Trump têm visões e formas de governo similares: a falta de planos para a contenção do vírus, a falta de apoio social à população e a negação com os milhares de vidas perdidas acentuam os verdadeiros valores do neoliberalismo.





# MODA



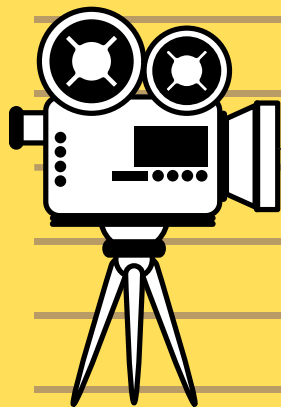
*Por: Letícia de Luca Torres e Thalita Silva Costa Bueno*


Não é só no campo político que os Estados Unidos influenciam as decisões dos brasileiros. Até nossas ações mais simples, como escolher uma peça de roupa, possuem um toque americano! Sendo assim, continue lendo para entender como essa atuação se dá e quais são seus impactos, visto que não há como falar de moda no Brasil sem acabar por revisar marcas e estilos estadunidenses. Afinal, quem nunca quis usar um Calvin Klein ou um Nike, não é mesmo?



Partindo da ideia do vestuário como forma de linguagem, percebemos que há uma dificuldade de se criar uma moda propriamente dita brasileira. A maioria das marcas ainda reproduzem e reafirmam um olhar colonialista sobre o Brasil: onde só a fauna e flora são exaltadas.




Mas onde entra a influência dos Estados Unidos? Ao limitarmos nossa identidade cultural, restringimos esse universo a um padrão, sobretudo de beleza, reafirmando a soberania das características de corpos americanos e europeus, onde os tipos de cortes e as variedades de tamanhos são limitadas e não condizem com a necessidade da população brasileira.






Estamos sempre correndo atrás de algo que não reflete verdadeiramente quem somos, e ainda pagamos caro por isso. E é aí que as vantagens econômicas e culturais aparecem para os americanos: fomentamos muito sua economia com essa busca incansável, e ainda somos dominados por sua cultura, contribuindo para sua hegemonia.


Mas isso não é de agora, o cinema norte-americano, que teria exercido uma influência significativa na moda, principalmente durante os anos 30 e 40, atingiu não só todo o mundo, mas especialmente o Brasil (NACIF, 2002): Carmen Miranda, ícone e referência do estilo brasileiro na época, foi convidada para Hollywood e o personagem "Zé Carioca" foi criado pelos estúdios Walt Disney.





E isso segue até hoje. Uma pessoa que merece destaque, por "quebrar" e desmistificar esse padrão estadunidense sobre o Brasil, é a cantora, compositora e empresária Anitta. Ao lançar o Single "Girl From Rio", ela mostrou para todos quem somos nós: brasileiros.

No clipe, são exibidas praias do Rio de Janeiro, pessoas com corpos reais e costumes locais, para apresentar a cultura brasileira como ela realmente é, sem o olhar estadunidense de que o Rio (e o Brasil) só seriam terra de fauna, flora e futebol. Em sua música, ela afirma a verdadeira identidade e realidade brasileira, quebrando padrões e tornando a música icônica em todo o mundo.



# Tendências



## Moda Oversized

A moda se popularizou com as americanas e canadenses, ao adquirirem o direito de votar e trabalhar.



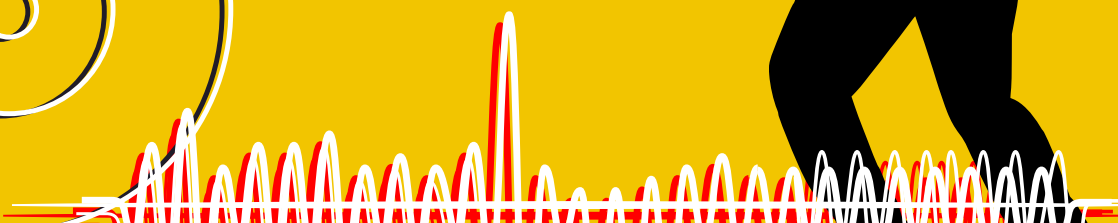
## Moda Casual Chic

Criada por Roy Halston, esse estilo combina sofisticação e luxo. O estilista abriu espaço para os trabalhos e invenções americanas, reinventando o mundo da moda e o "moldando" até os dias de hoje.





# MÚSICA



# AS ENTRANHAS DO PUNK BRASILEIRO

Por: Pedro Araújo



Com a virada para o século XX novas invenções e tecnologias permitiram que a velocidade com que as informações se espalham aumentasse drasticamente, e não demorou muito para que o Brasil experimentasse esses novos tipos de contato com o exterior. Mas não deixaríamos que esse contato tirasse de nós nossas raízes e fundações culturais, e assim nasceu a antropofagia cultural, fundada e teorizada por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, a antropofagia cultural nascia em um tempo em que a influência dos EUA e da Europa tinham grande mão no Brasil, vindo como resposta: em um mundo onde querem homogeneizar nossa arte, nós comemos todas nossas inspirações e vomitamos algo novo nunca visto.

Os abaporus eventualmente cessaram, mas a chama antropofágica nunca se apagou. Pulamos para 1974, onde um grupo de jovens cabeludos, com seus Doc Martens e suas roupas de couro decidiram que não aguentavam mais a opressão familiar, religiosa, policial e através de power chords (acorde de energia) e gritos formaram a banda Ramones e deram ignição ao movimento punk.

Não demoraria muito para que os jovens, já revoltados, se identificassem com a filosofia anarquista do punk: “você é subproduto de uma sociedade violenta, uma sociedade que te oprime, uma sociedade que tira tudo que você poderia ter direito, então você não pode ser uma coisa muito bonita, o punk é um espelho perverso disso” (Zorro, M-19). E com isso foram surgindo novas bandas uma atrás da outra: Buzzcocks, The Damned, Bad Religion, Sex Pistols, Bad Brains, esses eram os sons gritados, que contagiava a nova geração de adolescentes e jovens adultos pelos Estados Unidos e Inglaterra, mas se tornaria ainda mais interessante ao chegar no Brasil.






É impossível descobrir exatamente onde surgiu o movimento punk no Brasil sem tomar 8 socos na cara, mas felizmente esses socos foram tomados antes de mim. Existe uma rixa infundável entre Brasília e São Paulo para decidir quem foi o verdadeiro pioneiro do punk no Brasil, mas, como afirma Paulo Marchetti, eles foram quase simultâneos, os brasilienses primeiramente devido aos seus contatos, filhos de embaixadores e professor, tinham mais fácil acesso à cultura estrangeira, e os paulistas através dos discos de vinil, que lentamente foram chegando nas lojas do Brasil: em 76 com o álbum homônimo do Ramones, 77 com o Nevermind The Bollocks do Sex Pistols, e assim as calças jeans furadas, jaquetas de couro com espinhos e coturnos aterrissaram e família por todo o país.


O segundo passo importante para proliferação do gênero foram as revistas, especialmente a revista pop (1972-1979), que habitualmente publicava sobre as bandas mais famosas da época:

sex pistols, buzzco...  
divulgação de novas bandas punk brasileiras, tendo suas primeiras aparições em matérias da revista surgia o Joelho de Porco e a Banda do Lixo.

E foi através dessa mudança de olhares, da adolescência de primeiro mundo, para a adolescência de terceiro mundo que ajudou a mudar a perspectiva do punk: “Se o punk é o lixo, a miséria e a violência, então não precisamos importá-lo da Europa, pois já somos a vanguarda em todo o mundo” (Chico Buarque). Existem inúmeras diferenças ao discutir o punk estrangeiro e o brasileiro, apesar de partirem do mesmo ponto, a opressão social causada por uma casta de conservadores no poder, mas, nos Estados Unidos, isso se expressava através do abuso familiar e da religião ortodoxa, porém, no Brasil a foto era muito mais feia, os anos de aurora do punk eram marcados pelos últimos anos de ditadura militar no país, diversos artistas, jornalistas e pensadores foram presos e torturados brutalmente durante esses anos, e o punk espelharia isso de forma visceral.



“Ser punk é surpreender sempre. Não se trata de manter um corte de cabelo moicano a vida toda. Ser punk significa mudar a própria imagem sistematicamente, ser indescritível, sabotar códigos culturais e políticos. O punk é um método”. Através de arranhões, gritos e muito sangue o punk se tornou o punk, um gênero musical onde a filosofia principal consiste em destruir o mundo, onde as letras gritam até ensurdecer o ouvinte e os instrumentos sejam tratados como ferramentas, onde os shows são feitos para que socos voem, cadeiras sejam atiradas e todos percam a voz. Não faz sentido que o punk tenha se espalhado do jeito que foi, mas é exatamente essa simplicidade caótica que permite que as pessoas saiam de um mundo complexo e ordenado onde excesso de trabalho faz com que as pessoas colapsem.




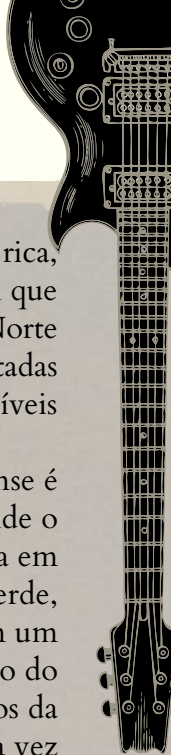
E para todos que imaginam que o punk morreu, todos aqueles que são alvo das letras de Clemente, João Gordo, Morto, espero que a luz da tocha do punk queime seus rostos ao ser repassada.





# CONCLUSÃO


Por: Taynah Rossigalli



Ainda que o Brasil tenha uma cultura extremamente rica, moldada pela junção de tantos povos em sua história, é notável que há muito suas belezas são sobrepujadas pela influência Norte Americana. Seja na música, na moda e na política, apresentadas aqui nesse e-zine, ou em tantos outros assuntos mais, impossíveis de se contabilizar em um único trabalho.

Em especial no governo atual, onde a bandeira estadunidense é alçada muito acima da nossa em nosso próprio país, onde o vermelho, azul e branco persistem com muito mais força em diversos protestos em prol do presidente do que o próprio verde, amarelo, azul e branco. Vemos que nossas fronteiras, com um mar entre as nações, são incapazes de barrar o avanço do *American Way of Life*, principalmente com os adventos da


mais modernos e conectados.



Afinal, o que choca não é apenas a réplica impensada de um discurso político. Não é a utilização do *Oversized* ou o *Casual Chic*. Não é o advento do Punk. Ao menos, não simplesmente.

O ponto é que somos um país ainda colonizado por uma grande potência. Talvez não fisicamente, com aparatos legais dessa colonização, mas ideologicamente falando e, em especial, em questões de identidade. Um país incapaz de se deleitar com a própria riqueza, se apoiando em um ideal inalcançável de uma nação não só socialmente, mas economicamente muito distante de

nossa realidade.



Enfim, o chamado “complexo de vira-lata”, definido pelo dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues no final dos anos 1950: “Por “complexo de vira-lata” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo.

O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. É a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima.”





# FONTES

Para você se aprofundar

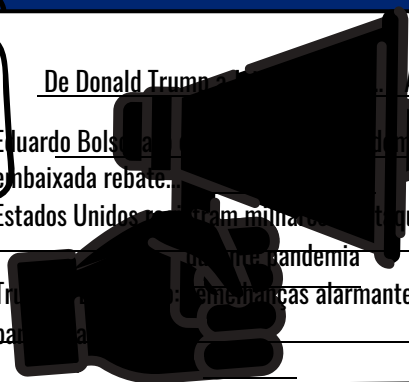
Sem intenção de violar os direitos autorais

De Donald Trump e A. Ituassu et al.

Eduardo Bolsonaro e embaixada rebate Estados Unidos por ... milhar de ataques a asiáticos

Trabalha com a pandemia

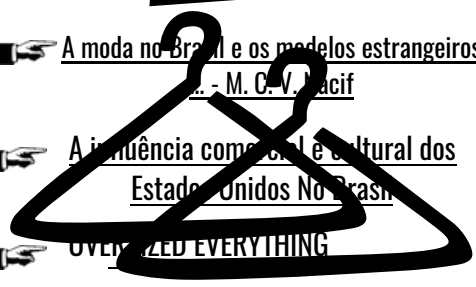
Trabalha com as bancas alarmantes frente à



A moda no Brasil e os modelos estrangeiros ... - M. C. V. Macif

A influência comercial e cultural dos Estados Unidos No Brasil

OVERSIZED EVERYTHING



BOTINADA (The Rise of Punk Rock in Brazil) - Edited by Gastão Moreira

... 1977-1980

... "Punk do Brasil" - ... Archetti

"PUNKS (1983)" - Sarah Arkhni e Alberto Gioco



Tema ... Síndrome do

Complexo de ... Nelson

Rock ...

Complexo de ...

